



COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Suzana Guimarães Celidonio¹

Ana Laura de Oliveira²

Luma Rolla Santana³

Thaynara Lorrane Silva Martins⁴

Nara Lúcia Oliveira Fonseca⁵

Resumo: O objetivo do presente trabalho é elucidar as questões que tratam sobre o comportamento sexual de acadêmicos do curso de medicina com base em análise de artigos sobre o tema em instituições de ensino no Brasil, e correlacionar tais comportamentos com a exposição dos estudantes que - por ventura aderem às práticas sexuais desprotegidas - à algumas Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Sob a ótica do levantamento de dados dos artigos foi explicitado que muitos tem esse perfil, principalmente, quando estão em relacionamentos estáveis, seja por única parceria, seja por acreditar que a estabilidade do relacionamento lhes conferiria proteção relativa contra ISTs, principalmente o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o que denota um cenário de negligência com relação à determinadas doenças e adoção de comportamentos de risco seja para si, como para outrem. Tal cenário demonstra incoerência e negligência por parte desses acadêmicos, uma vez que os mesmos têm conhecimento acerca das patologias que podem se desenvolver decorrente de uma relação desamparada.

Palavras-chave: Saúde. Sexualidade. Perigo. AIDS. Infecções sexuais.

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) aumentam em grande proporção e

¹ Acadêmica do curso de medicina guimaraescedonio@gmail.com

² Acadêmica do curso de medicina analaurao.oliveira@academico.unifimes.edu.br

³ Acadêmica do curso de medicina lumasantana96@academico.unifimes.edu.br

⁴ Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Campus Trindade/GO.

Email: thaynaralorrane@unifimes.edu.br

⁵ Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Campus Trindade/GO.

Email: naralidia.o.fonseca@unifimes.edu.br



refletem um dos grandes problemas de saúde pública no mundo (PINTO, 2018) Estima-se que mais de 1 milhão de IST são adquiridas por dia, de múltiplos agentes etiológicos e diversas apresentações, e são transmitidas principalmente pela via sexual, sanguínea e vertical (BRASIL, 2015)

Podemos caracterizar as IST em dois grupos: sintomáticas e assintomáticas. As manifestações clínicas mais comuns das IST sintomáticas são, corrimento vaginal, corrimento uretral, úlceras genitais, doença inflamatória pélvica e verrugas anogenitais, sendo as infecções mais comuns a Herpes genital, Gonorreia, HPV e Tricomoníase. As IST assintomáticas, não apresentam sinais e sintomas em sua grande maioria, fazendo assim com que as pessoas infectadas não percebem suas alterações. Entre as principais infecções assintomáticas estão sífilis, Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Hepatite B e C (BRASIL, 2015).

No Brasil, em 2022 foram notificados 264640 casos de hepatite B e 279872 casos de hepatite C (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022.), 16703 de HIV (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022.), e 1115529 de sífilis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022.), além disso, observa-se que a maior prevalência de casos de HIV e Sífilis está na faixa etária de 20 a 29 anos de idade, com 39,6% e 35,6% respectivamente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Estudos mostram que a faixa etária média de ingresso na universidade é de 20 a 32 anos de idade e este cenário dos jovens universitários é marcado por novas possibilidades e experiências, como uso de álcool e outras drogas, novo convívio social, práticas sexuais desprotegidas associadas a um conhecimento deficiente das IST, e conseqüentemente expondo esse jovem universitário a uma grande vulnerabilidade a estas infecções sexuais (ZEFERINO et al., 2015; SOUSA et al., 2013; DAZIO et al., 2016).

E mesmo com avanços de notoriedade expressiva para a manutenção da saúde e sexualidade na população geral, as infecções entre os jovens constituem um importante parcela das novas infecções por HIV na população mundial, o que denota um desafio diante do atual cenário de imprudência com relação à saúde e sexualidade e adoção de comportamentos sexuais negligentes por acadêmicos do curso de medicina de instituições de ensino superior brasileiras, (BRASIL, 2023).

Portanto, diante dos estudos analisados e com base no levantamento dos dados, é de suma importância evidenciar que a população jovem, especificamente, acadêmicos do curso de medicina, são população a qual merece atenção para a capacitação e formação em conhecimentos sobre as ISTs e suas formas de transmissão, importância de complicações



clínicas, bem como devem ser conscientizados acerca das possibilidades de transmissão. (CASSIMIRO, 2020).

METODOLOGIA

Esse trabalho foi elaborado a partir da revisão de literatura de artigos obtidos nas bases virtuais do Scielo e Google Acadêmico. Foram usados como descritores: “infecção sexualmente transmissível”, “comportamento sexual”, “estudantes de medicina” e foi aplicado como critério de inclusão: artigos publicados nos últimos 9 anos e artigos escritos em português. Foram contempladas para revisão literária, 16 artigos selecionados, todos no idioma português, para fundamentar o estudo proposto, publicados entre os anos de 2014 a 2022. A escolha dos trabalhos resultou em análise de título, autoria e ano de publicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, que se propagam, na maioria das vezes, a partir do contato sexual sem o uso de métodos de barreira, podendo se manifestar por meio de feridas, corrimentos e verrugas anogenitais, as quais causam diversas consequências para a vida do indivíduo. Quando não tratadas adequadamente podem ocasionar complicações que levam até a morte. (BRASIL, 2023)

Dentre os grupos mais expostos a contrair ISTs estão os jovens, de 14 a 29 anos, uma vez que essa faixa etária contempla indivíduos que estão no ápice da vida sexual, mas que demonstram um perfil de comportamento de alto risco ao não adotarem medidas protetivas adequadas e se expõem, por exemplo, ao HIV, gonorreia, sífilis, tricomoníase, herpes genital, além do risco de uma gravidez não desejada (SOUTO et al.,2020).

No que concerne ao nível de instrução, é nítido que os acadêmicos de medicina apresentam maior conhecimento acerca de IST do que a população em geral. Visto que esse assunto é abordado de forma incisiva na grade curricular com ações que alcançam a prevenção e o tratamento dessas doenças. Um estudo de caráter transversal realizado com 162 estudantes de medicina de uma faculdade do estado de Minas Gerais demonstrou que a maioria dos entrevistados (72,23%) considera que já se colocou em risco para alguma IST. Esses resultados evidenciam que embora haja conhecimento sobre as formas de contágio e formas de prevenção contra essas doenças, eles não aplicam seu conhecimento para uso próprio. (LIMA, 2022).



De maneira complementar, um estudo transversal realizado com alunos do curso de medicina em uma faculdade em Goiás demonstrou que os entrevistados que cursavam o quarto período, teoricamente maior nível de instrução, apresentaram maior frequência em não utilizar métodos protetivos quando comparado aos outros períodos avaliados (CASSIMIRO, 2020). Logo, é evidente que o nível de instrução não garante a efetiva prevenção pois, embora esses estudantes possuam acesso à informação, insistem na prática de atividade sexual de risco e desacreditam que possam sofrer as consequências dessa escolha (CARVALHO, 2020).

Diante o cenário de riscos sexuais em que os acadêmicos se expõem devido ao baixo uso de métodos de proteção, é válido salientar que a preocupação desse grupo em procurar um diagnóstico para possíveis ISTs também é baixo. Um estudo descritivo com 331 estudantes de medicina de uma instituição privada demonstrou que 28,65% nunca fez uma testagem para IST na vida, enquanto 31,7% nunca fizeram teste anti-HIV (DE ALMEIDA BOCARDI et al., 2020).

Com base nos resultados demonstrados, destaca-se a necessidade de conscientização sobre os riscos de ISTs entre acadêmicos, uma vez que, para grande parte desse grupo, a vida sexual passa a ser ativa no ensino superior (CASSIMIRO, 2020). De maneira mais específica, é de suma importância a abordagem acerca de ISTs por parte de estudantes que se encontram na graduação médica, de modo que apliquem os conhecimentos obtidos tanto no âmbito profissional quanto pessoal (CARVALHO, 2020).

Dessa forma, o estudo proposto sinaliza a necessidade de estratégias mais efetivas de intervenção em saúde sexual, visando ações que promovam a conscientização e despertem melhores comportamentos relacionados à prática sexual desses que, se tornarão futuros profissionais de saúde, atuantes na promoção de saúde e prevenção de doenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, fica evidente, que apesar do conhecimento acerca de IST e suas formas de prevenção, os acadêmicos de medicina ainda apresentam comportamentos de risco, devido à baixa porcentagem de uso de métodos de barreira. Logo, o presente trabalho nos leva a refletir sobre a necessidade de preencher algumas possíveis lacunas de formação de opinião baseadas nos ensinamentos teóricos do currículo atual dos estudantes de Medicina, já que os mesmos não adotam medidas das quais conhecem a sua importância para proteção, a abordagem integral e as estratégias de comunicação frente ao seu nível de conhecimento, idade, vivência, condição



social, escolhas de comportamentos, e práticas devem ser repensadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT)**. Brasília, 2015. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf

CARVALHO, Raquel Godoi de Carvalho et al. Avaliação do conhecimento dos estudantes de medicina sobre IST em João Pessoa–PB. 2020

CASSIMIRO, Rodrigo Dias et al. Conhecimento dos estudantes de medicina acerca de hábitos sexuais e situações considerados de risco. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76787-76795, 2020

DAZIO, E. M. R. et al. Uso de álcool e outras drogas entre universitários do sexo masculino e seus significados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 5, p. 786-792, 2016
DIRETRIZES, E. **Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. 2022.

DE ALMEIDA BOCARDI, Camila; GONÇALVES, Daiana Figueiredo; DE OLIVEIRA, Pollyana Sardinha. CARACTERÍSTICAS DE USO E ABUSO DE ÁLCOOL E DROGAS E COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DE MEDICINA. **Seminário de Iniciação Científica do Univag**, n. 10, 2021

DE LIMA, Vívian Laís et al. Conhecimento dos estudantes de medicina acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Master-Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, n. 13, p. 34-40, 2022

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico Hepatites Virais 2022**. 2022.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico HIV /Aids 2022**. 2022.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico Hepatites Virais 2022**. 2022.

SOUSA, T. F., et al. Condutas negativas à saúde em estudantes universitários brasileiros. **Ciência e saúde coletiva**, v. 18, n. 12, 2013.

SOUTO, Rodrigo Davanço et al. Comportamento sexual dos estudantes de medicina: diferenças entre os sexos e fatores influenciadores. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76796-76808, 2020.

PEREIRA, Lyvia et al. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 3, n. 1, 2014.



PINTO, Valdir Monteiro et al. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2423-2432, 2018.

ZEFERINO, M. T et al. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, p. 125-135, 2015.